



BB n.º 73 | Novembro de 2016 | AELdF

PORTUGUESES 1



BIBLIOTECA ESCOLAR

CLARA PÓVOA

Ficha técnica

Título: *Portugueses 1*

Autor: Biblioteca Escolar Clara Póvoa | Serviço das Bibliotecas Escolares do Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede

Seleção: Conceição Sacarrão, Fernanda Cravo e Isabel Bernardo

Paginação: Conceição Sacarrão e Fernanda Cravo

Edição: Isabel Bernardo

Imagem: Amadeo de Sousa Cardoso, *Avant la corrida, 1912* (pormenor). FCG.

Portugueses 1 by Biblioteca Escolar Clara Póvoa | Serviço das bibliotecas Escolares do Agrupamento de Escolas Finisterra-Cantanhede is licenced under a Creative Commons Atribuição-NãoComercial SemDerivações 4.0 International Licence

... / ...

E eu sou a liberdade dum perfil

Desenhado no mar.

Ondulo e permaneço.

Cavo, remo, imagino,

E descubro na bruma o meu destino

Que de antemão conheço:

Teimoso aventureiro da ilusão,

Surdo às razões do tempo e da fortuna,

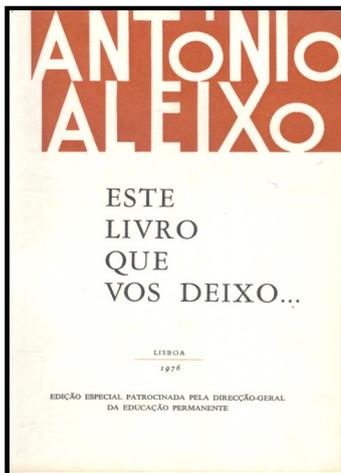
Achar sem nunca achar o que procuro,

Exilado

Na gávea do futuro,

Mais alta ainda do que no passado.

Miguel Torga, *Diário X*



A sorte que veio comigo / morria co'a minha morte, / se não houvesse um amigo / que descobrisse essa sorte. / Fui coto que ia acabar / num monturo, cano ou esgoto, / porque ninguém qu'ira usar / a luz fraquinha de um coto. / mas quando alguém se lembrou / querer mostrar, não me opus: / é fraca a luz que vos dou, / mas afinal sempre é luz. / Por me ver ao abandono, / e ouvindo a minha poesia, / disse-me que eu era dono / de coisas que não sabia... (p. 71)

Cota: 821.134.3-1 ALE
N.º de registo: 13469

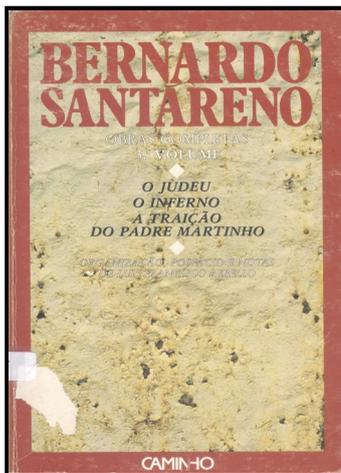
Aleixo, António (1976). Este livro que vos deixo (3.ª ed.). Viseu: Tipografia Guerra.



BICICLETA / Lá vai a bicicleta do poeta em direcção / ao símbolo, por um dia de verão / exemplar. De pulmões às costas e bico / no ar, o poeta pernalta dá à pata / nos pedais. Uma grande memória, os sinais / dos dias sobrenaturais e a história / secreta da bicicleta. O símbolo é simples. / Os êmbolos do coração ao ritmo dos pedais — / lá vai o poeta em direcção aos seus / sinais. Dá à pata / como os outros animais. / O sol é branco, as flores legítimas, o amor / confuso. (p.295)

Cota: 821.134.3-1 HEL
N.º de registo: 7590

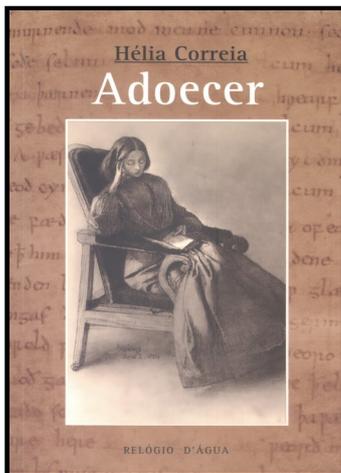
Helder, Herberto (1996). Poesia toda. Lisboa: Assírio & Alvim.



António José: «Sabei primeiramente, que isto justiça é cousa pintada, e que tal mulher não há no mundo, nem em carne nem em sangue... porém como era necessário haver esta figura no mundo, para meter medo à gente grande, como o pão às crianças, pintaram uma velha vestida à trágica, porque toda a Justiça acaba em tragédia; taparam-lhe os olhos, porque dizem que era vesga, e que metia um olho por outro; e como a justiça havia de ser direita, para não se... (p.77)

Cota: 821.134.3-2 SAN
N.º de registo: 6910

Santareno, Bernardo (1986). Obras completas (3.º Volume). Lisboa: Caminho.



Em 1848, a violência cerebralizara-se. As palavras, que haviam circulado apenas entre elites, ainda vagas, ainda delicadas, encorpavam e tornavam-se fáceis de entender. Nascera uma amizade entre a linguagem dos ideais e aquele mal-estar sem nome com que os pobres dormiam e acordavam. O Manifesto Comunista apareceu e a leitura do mundo transformou-se. As classes dominantes estremeciam quando, dos becos, se elevavam novamente os hinos impiedosos... (p. 29)

Cota: 821.134.3-31 COR
N.º de registo: 12991

Correia, Hélia (2011). Adoecer. Lisboa: Ficção Portuguesa.

Explicação dos pássaros

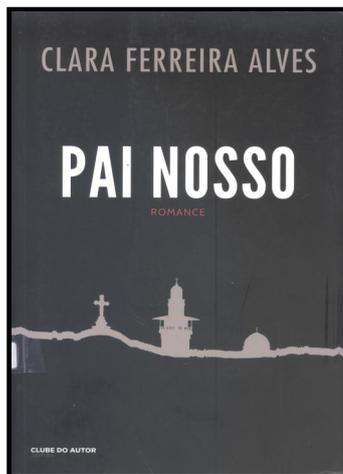
Drama



Ele saía de casa com a mala cheia de rótulos de hotéis estrangeiros e tu ficavas sozinha, minúscula a um canto da cama enorme, a ler grossos livros ingleses incompreensíveis, romances, histórias de guerra, um homem e uma mulher a beijarem-se sem vergonha na capa. Voltava três, quatro dias depois, queimado do sol, com um resto de luz estranha na pupilas alheadas. Eu ia vê-lo fazer a barba de manhã, em calças de pijama e tronco nu, fascinado pelo brilho da navalha. (p. 18)

Cota: 821.134.3-31 ANT
N.º de registo: 10457

Antunes, António Lobo (2004). Explicação dos pássaros (11.ª ed.). Lisboa: Dom Quixote.



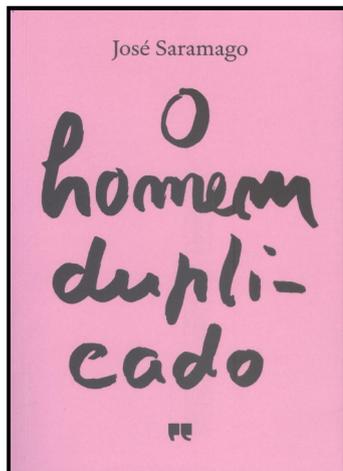
Beatriz vem a correr aos portões e abraça-me. “Há quanto tempo não a vejo, meu Deus! Tantos meses fora nesta guerra. Iraque, Israel, tem de me contar tudo. E Jerusalém! Tenho de ir a Jerusalém quando estiver em paz, nada de guerras, não gosto de guerras!” Estamos sentados à beira da piscina com azulejos do século XVII, servidas por uma criada fardada e um mordomo, quando o pai aparece com a madrasta a cumprimentar. Já sei, a capa de Time, claro. Sou importante. (p. 216)

Cota: 821.134.3-31 ALV
N.º de registo: 13618

Alves, Clara Ferreira (2015). Pai nosso. Lisboa: Clube do Autor.

O homem duplicado

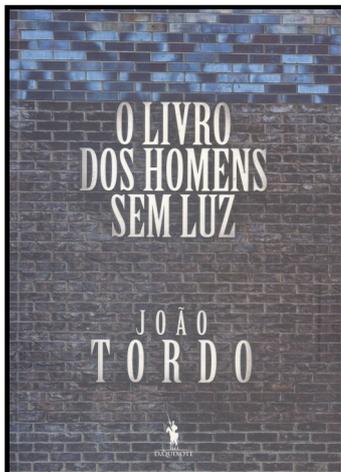
Romance



O homem que acabou de entrar na loja para alugar uma cassete vídeo tem no seu bilhete de identidade um nome nada comum, de um sabor clássico que o tempo veio a tornar rançoso, nada menos que Tertuliano Máximo Afonso. Ao Máximo e ao Afonso, de aplicação mais corrente, ainda consegue admiti-los, dependendo, porém, da disposição de espírito em que se encontre, mas o Tertuliano pesa-lhe como uma lousa desde o primeiro dia em que percebeu... (p. 9)

Cota: 821.134.3-31 SAR
N.º de registo: 13641

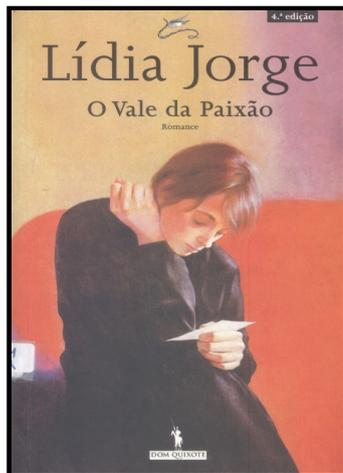
Saramago, José (2014). *O homem duplicado*. Lisboa: Caminho.



Quando fiz trinta e cinco anos nada tinha a que pudesse chamar meu. Não possuía casa própria ou emprego fixo, amigos ou conhecidos de que me pudesse orgulhar, conforto financeiro ou qualquer perspectiva de futuro. Vivia sozinho num apartamento modesto, o terceiro andar de uma antiga habitação social em Finsbury Park, em frente de uma residência de estudantes—um edifício antigo de tijolo castanho que parecia derreter com a chuva e que albergava toda... (p. 11)

Cota: 821.134.3-31 TOR
N.º de registo: 13021

Tordo, João (2011). O livro dos homens sem luz (2.ª ed.). Lisboa: Dom Quixote.



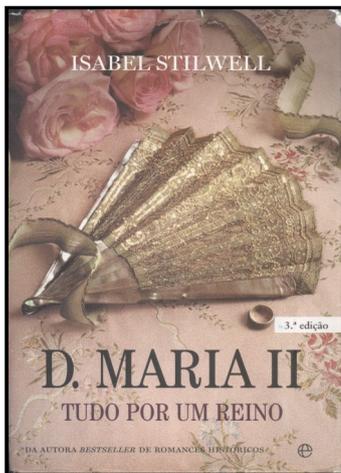
Como na noite em que Walter Dias visitou a filha, de novo os seus passos se detêm no patamar, descalça-se rente à parede com a agilidade duma sombra, prepara-se para subir a escada, e eu não posso dissuadi-lo nem detê-lo, pelas simples razão de que desejo que atinja rapidamente o último degrau, abra a porta sem bater e entre pelo limiar apertado, sem dizer uma palavra. E foi assim que aconteceu. Ainda o tempo de reconstituir esses gestos não tinham decorrido, e... (p. 9)

Cota: 821.134.3-31 JOR
N.º de registo: 10362

Jorge, Lídia (2004). O vale da paixão (4.ª ed.). Lisboa: Dom Quixote.

D. Maria II: tudo por um reino

Romance histórico



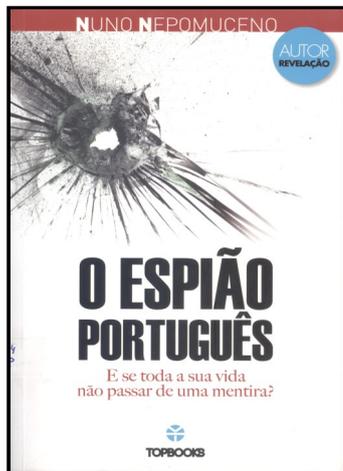
Maria estava sentada à escrivaninha quando Fernando entrou e se deixou cair, estafado, numa cadeira: - Sabe que atravessei o Aqueduto das Águas Livres a pé, do Rato a Monsanto? O Domingos Palmela veio comigo, é um encanto, e os rapazinhos que vendem água nas ruas seguiram-nos em bando, pareciam achar-me uma espécie rara. A mim e ao Dietz, que andava por ali a ler a história do monumento, sob o risco de cair lá abaixo. (p. 351)

Cota: 821.134.3-311.6STI
N.º de registo: 12792

Stilwell, Isabel (2012). D. Maria II: tudo por um reino (3.ª ed.). Lisboa: Esfera dos Livros.

O espião português

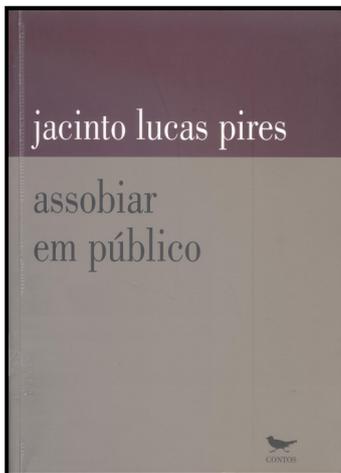
Romance Policial



Está a correr. Não têm a certeza de quantos são. Olha para trás. Os guardas dobram a esquina do corredor. São apenas dois. Não, três. O certo é que mais venham a caminho. De arma em punho, gritam em suco. Um deles atira, mas falha. Uma luz de presença estala, deixando o corredor um pouco mais escuro. Vindo de cima, o besouro do alarme ressoa-lhe nos ouvidos. O corredor parece não ter fim. Sente as sola duras a escorregar sobre o chão antigo de pedra. (p. 7)

Cota: 821.134.3-3112.4 NEP
N.º de registo: 13667

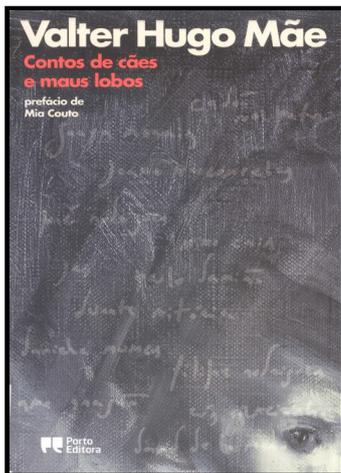
Nepomuceno, Nuno (2015). O espião português. Lisboa: TopBooks.



Rosa, um homem muito magro, de cinquenta anos, bigode, fato e gravata, e chapéu à antiga, está na Praça de Espanha, no passeio, à espera do sinal verde para peões. É quase noite, e os automóveis já passam com os faróis acessos. Rosa pensa pensamentos estranhos que não tem nada a ver com nada enquanto vai olhando as luzes rápidas. Amarelos e brancos. Há uma nuvem por cima dos prédios ao longe, e o homem assobia uma canção de Natal. Talvez seja isso que... (p. 9)

Cota: 821.134.3-34 PIR
N.º de registo: 12502

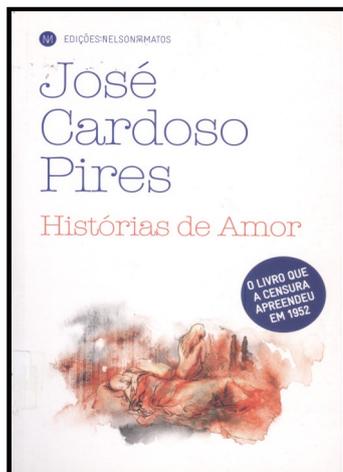
Pires, Jacinto Lucas (2008). Assobiar em público. Lisboa: Cotovia.



A menina entrou na casa grande com nove anos para trabalhar em troca de sopa e de um colchão estreito. Estava muito alta, diziam-lhe ajudadamente todas as pessoas. Se a tomassem como criada teria apenas a miséria por garantia. Naqueles tempos, a pobreza não se curava senão com a piedade de quem podia, e ela acedeu ao seu destino assim pequena, feita de ossos fininhos, uns olhos claros esbugalhados de ansiedade, confusa com palavras educadas que... (p. 21)

Cota: 821.134.3-34 MAE
N.º de registo: 13608

Mãe, Valter Hugo (2015). Contos de cães e maus lobos. Porto: Porto Editora.



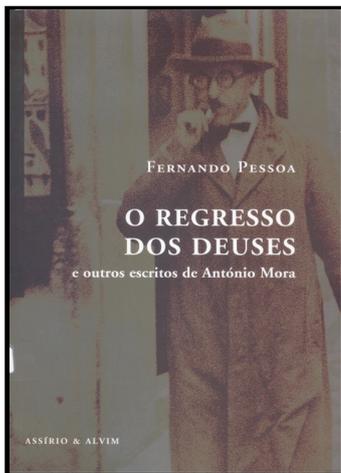
AINDA HOJE, SEMPRE QUE RECORDO esta história, a minha miúda surge-me ao cimo da Travessa, no sítio onde os eléctricos dão a volta, repleta de nobreza e de lenda viva. Vem com aquele sorriso estranho dos primeiros dias, os olhos rasgados no meio da noite, a mesma saia justa às ancas, e uma serenidade imensa. Ao lusco fusco das vielas, lembra uma aparição súbita nascida dos gritos dos pátios e das tabernas que por ali há, com jogos de negus e telefonias. (p. 51)

Cota: 821.134.3-34 PIR
N.º de registo: 12524

Pires, José Cardoso (2008). *Histórias de amor* (2.ª ed.). Lisboa: Edições Nelson de Matos.

O regresso dos deuses

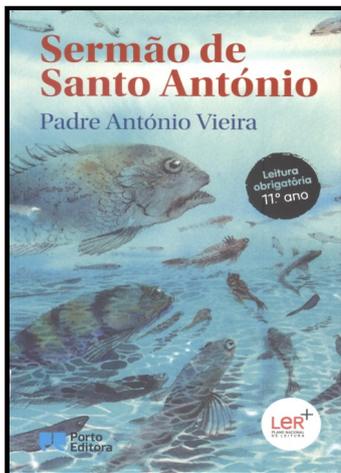
Ensaio



A guerra depende um pouco da expansão económica da Alemanha. Mas depende também, e sobretudo, duma causa política; de um lado a Alemanha tinha a ameaça da Rússia, do outro a ameaça, aparentemente menor, da França e da Inglaterra— menor aparentemente digo, porque uma era sua inimiga por causa da Alsácia e da Lorena, e a outra era sua rival, que ia sendo vencida, no campo da indústria e do comércio. E, além disso, porque são aliadas da Rússia... (p. 204)

Cota: 821.134.3-4 PES
N.º de registo: 13632

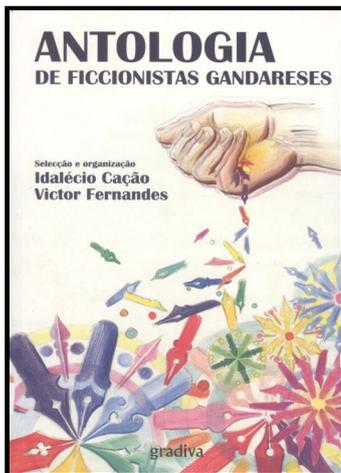
Pessoa, Fernando (2013). O regresso dos deuses. Porto: Assírio & Alvim.



Vós, diz Cristo Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção, mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra não se deixa salgar, e os ouvintes... (p. 5)

Cota: 821.134.3-5 VIE
N.º de registo: 13414

Vieira, António (2014). Sermão de Santo António. Porto: Porto Editora.



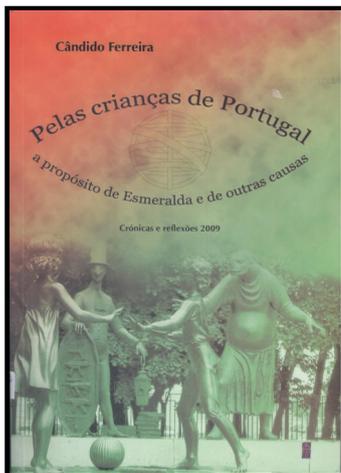
Margarida abriu a janela da guilhotina, travou-a com a palheta de segurança e aspirou, com enorme prazer espelhado no seu ar de felicidade, a brisa das montanhas que a veio beijar naquela manhã de Agosto. A neblina, que deixava ver as altas e belas pedreiras por entre um manto de noiva, cheirava a rosmaninho e a terra húmida. Aquela casa, tipicamente da alta burguesia gandraesa, sem corredores nem planos sobrepostos, ampla e macia, com duas escadarias convergentes... (p. 14)

Cota: 821.134.3-82 ANT
N.º de registo: 13596

Cação, Idalécio, Fernandes, Victor (2012). Antologia de ficcionistas gandraeses. Lisboa: Gradiva.

Pelas crianças de Portugal

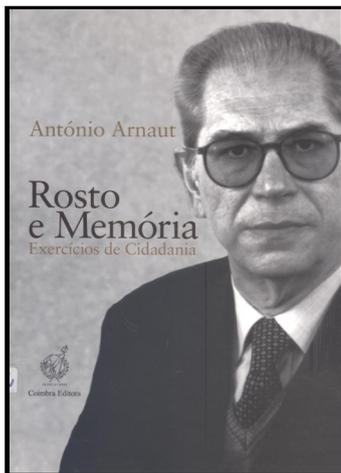
Crónicas de jornais



Fruto do cruzamento acidental entre dois desconhecidos, Esmeralda Porto Nunes é uma menina de sete anos que teve a sorte de nascer em Portugal, um país moderno que alimenta um batalhão de especialistas em “protecção de menores”, que integra o espaço da Comunidade Europeia e que subscreveu todos os tratados de Direitos Humanos. Enjeitada pela mãe—uma emigrante brasileira, falha de instinto maternal—, Esmeralda levou sumiço quase à nascença. Traficada por... (p.15)

Cota: 821.134.3-92 FER
N.º de registo: 13165

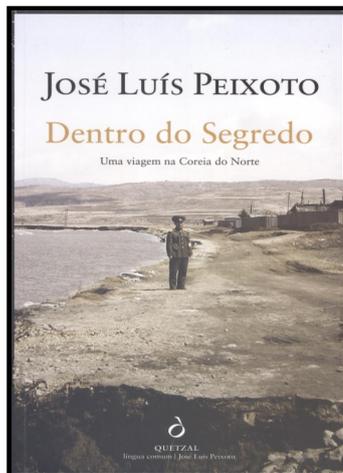
Ferreira, Cândido (2009). Pelas crianças de Portugal. Lisboa: Padrões Culturais Editora.



Há onze anos não esperávamos—ou, pelo menos, não o esperava eu—encontramo-nos hoje aqui com o sentimento de quem evoca uma revolução agónica, um projecto traído, uma esperança frustrada. Há um abismo entre a festa de então e o velório de hoje. Entre as largas avenidas, onde o sonho das multidões se alongava nas bandeiras desfraldadas, e a sala exígua onde se comprime o nosso magoado desencanto. Entre a *fome do futuro*, na síntese de Fernando Pessoa... (p. 17)

Cota: 821.134.3-94 ARN
N.º de registo: 13182

Arnaut, António (2011). Rosto e memória. Coimbra: Coimbra Editora.

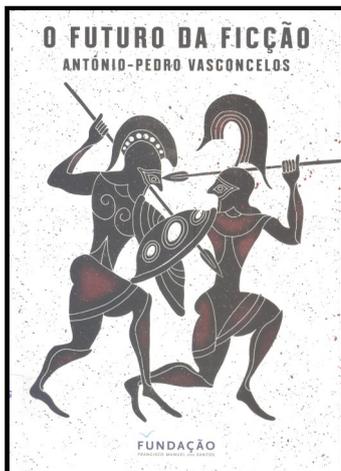


SE ESTÁS A LER ESTE LIVRO É PORQUE ESTÁS VIVO.

Não quero enganar ninguém. Sobretudo, não me quero enganar a mim próprio. Detesto perder tempo. Sempre confiei nos livros. Viajar é interpretar. Duas pessoas vão ao mesmo país e, quando regressam, contam histórias diferentes, descrevem os naturais desse país de maneiras diferentes. Uma diz que são simpáticos, a outra diz que são antipáticos. Uma diz que são tímidos, a outra diz que não se calam durante... (p. 61)

Cota: 821.134.3-992 PEI
N.º de registo: 13192

Peixoto, José Luís (2012). Dentro do segredo. Lisboa: Quetzal.



O último quadro que nos contou uma história, já no século XX, foi *Guernica*, que é, como os murais de Rivera, Siqueiros e Orozco, o antecedente dos *graffiti*; e não foi por acaso que Picasso concebeu o seu quadro/mural a preto e branco—como a fotografia, os jornais e as actualidades. Depois disso, com a morte de Matisse, a que Picasso ainda... Perante este vazio, foi naturalmente o cinema que ocupou, no século XX, o lugar da Ficção e que se impôs como o herdeiro natural do Cânone Ocidental. (p. p. 36 e 37)

Cota: 7 VAS
N.º de registo: 13532

Vasconcelos, António-Pedro (2012). *O futuro da ficção*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

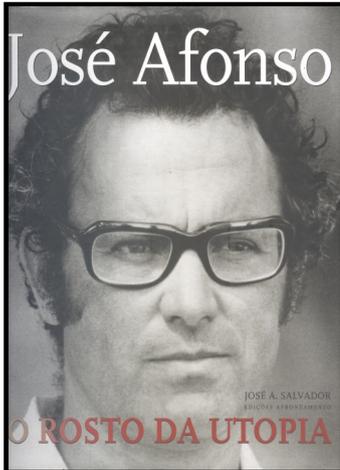


Não sei em que dia nasci. Nem eu, nem ninguém da minha família. Ligaram tão pouca importância ao meu nascimento, era uma família tão grande, que não sabem. Uns diziam que nasci a 1 de Julho, outros no dia 12, outros a 4 ou a 14. A minha avó dizia que eu tinha nascido no tempo das cerejas, que vai de Maio a Julho. Então eu escolhi o dia 1 de Julho para fazer anos. Mais tarde, quando tive de tirar papéis para fazer exame, vinha 23 de Julho. Resolvi guardar as duas datas... (p. 31)

Cota: 78(092) SAN
N.º de registo: 11525

Santos, Vítor Pavão dos (2005). Amália uma biografia. Barcarena: Editorial Presença.

O rosto da utopia



José Afonso foi cantor, poeta, músico, militante antifascista e anticolonialista. Na mocidade deu vivas a Salazar. Mais tarde foi libertário, anarquista por vocação, uma personalidade inquieta e devoradora das suas próprias angústias. Homem de uma única e longuíssima solidão, sonhou o nascimento como quem sonha até a morte. Na noite de 29 de Janeiro de 1983, José Afonso deu o seu último espectáculo no Coliseu dos Recreios, em Lisboa. Cinco mil pessoas emocionadas... (p. 23)

Cota: 78(092) SAL
N.º de registo: 10092

Salvador, José A. (2000). O rosto da utopia (3.ª ed.). Porto: Edições Afrontamento.



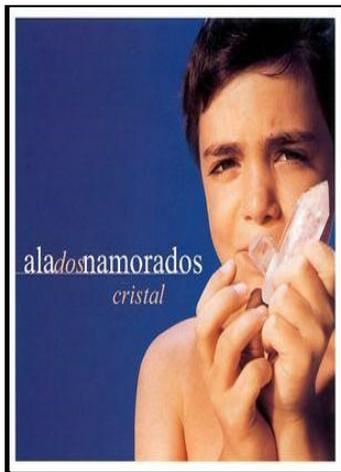
Canção de Nova York

Às vezes falar contigo / é com ir a Nova Iorque / entrar num museu /
olhar um Picasso / pensar que aquele traço / quase podia ser meu /
meter à Quinta Avenida / ver o Frank Sinatra / comprando a um ju-
deu / as canções de Salomão / e quando já tu e eu / em plena ascen-
ção / celebramos Manhattan / vem aquele corte / e tu apanhas o bar-
co / para a margem sul / e eu digo adeus cá do norte....

Cota: 8 VEL

N.º de registo: 601 S

Veloso, Rui (2005). Canção de Nova York. In *O primeiro canto* [CD]. Lisboa: EMI - Valentim de Carvalho.

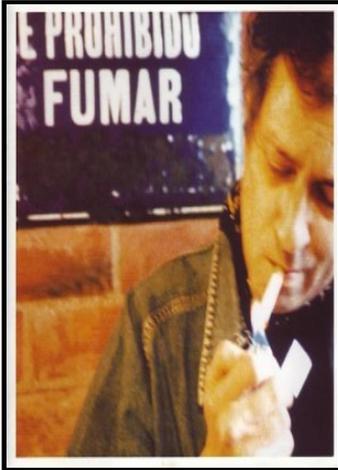


Café paraíso

À porta há sempre quem nos fala / lá dentro temos tudo o que é preciso / é como a nossa casa aquela sala / é assim o Café Paraíso / As sombras que passamos no deserto / mantêm toda a vida o mesmo encanto / e quando a solidão bate por perto / o aconchego da mesa do canto / Trocamos assuntos triviais / acerca dos amigos, da família / ajudam a viver estes locais / onde fazemos parte da mobília...

Cota: 8 ALA
N.º de registo: 351 S

Alas dos namorados. (2000). Café paraíso. In Cristal [CD]. Lisboa: EMI Valentim de Carvalho.

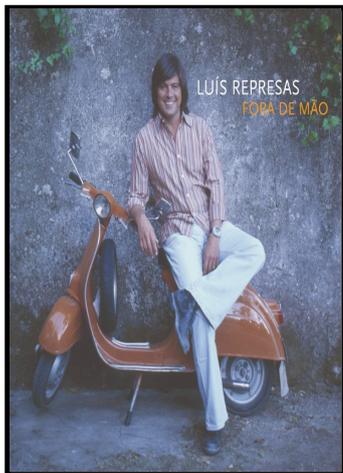


Espécie de Vampiro

Eu não sou quem tu desejas / Eu não sou aquele que beijas / Sou um mero pesadelo ou fantasia / Eu sou muito mais que velho / E intimido qualquer espelho / Sou o amigo mais funesto da poesia / Sou um tipo de morcego / Que é completamente cego / Embora, às vezes, seja fã do fritz lang / Sou uma espécie de vampiro / E quando sobre ti me atiro / É para saborear um pouco do teu sangue...

Cota: 8 PAL
N.º de registo: 448 S

Palma, Jorge. (2001). Espécie de Vampiro. In *É proibido fumar* [CD]. Lisboa: EMI Valentim de Carvalho.



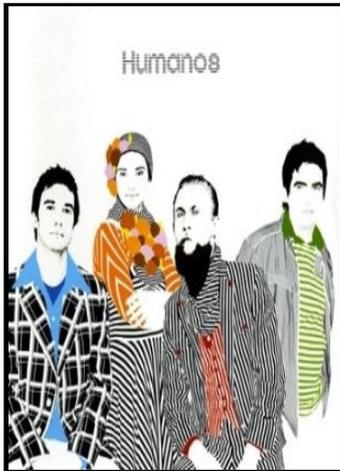
Da próxima vez

As ruas da minha cidade / abriram os olhos de encanto / para te ver
passar / As pedras calaram os passos / e as casa abriram as janelas / só
p'ra te ouvir cantar / Porque há muito, muito tempo / não vinhas ao
teu lugar / ninguém sabia ao certo / onde te procurar / Da próxima
vez / não vás / sem deixar destino ou direção / se houver próxima vez /
não esqueças / leva contigo recordação / e um beijo pendurado...

Cota: 8 REP

N.º de registo: 414 S

Repesas, Luís(2003). Da próxima vez. In Um e o outro [CD]. Lisboa: Universal Music.



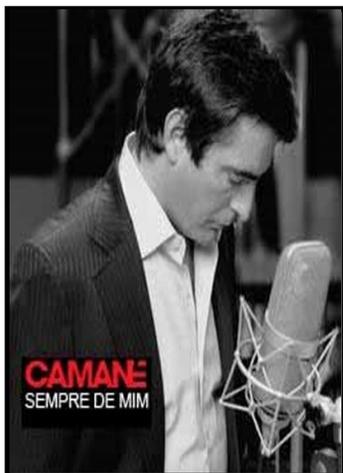
Muda de vida

Muda de vida se tu não vives satisfeito / Muda de vida, estás sempre a tempo de mudar / Muda de vida, não deves viver contrafeito / Muda de vida se há vida em ti a latejar / Ver-te sorrir eu nunca te vi / E a cantar, eu nunca te ouvi / Será de ti ou pensas que tens... que ser assim / Muda de vida se tu não vives satisfeito / Muda de vida, estás sempre a tempo de mudar / Muda de vida, não deves viver contrafeito...

Cota: 8 HUM

N.º de registo: 700 S

Humanos (2004). Muda de vida. In Humanos [CD]. Lisboa: EMI Music.



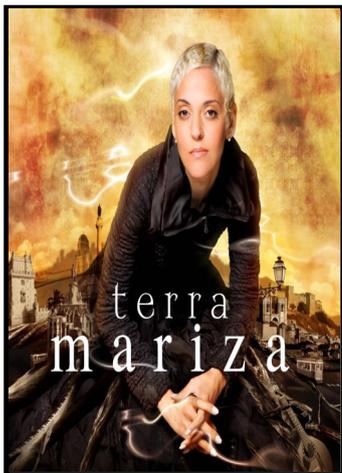
Ciúmes da saudade

Se não matas a saudade / Quando morres de vontade / De pôr à saudade fim / É talvez porque preferes / Ter da saudade o que queres / E não me pedes a mim / É talvez porque preferes / Ter da saudade o que queres / Mas não me pedes a mim / A saudade em que me deixas / É penhor das tuas queixas / Por não dizeres a verdade / Bastava que me pedisses / De cada vez que me visses / O que pedes à saudade...

Cota: 8 CAM

N.º de registo: 749 S

Camané (2008). Ciúmes da saudade. In *Sempre de mim* [CD]. Lisboa: EMI Music.



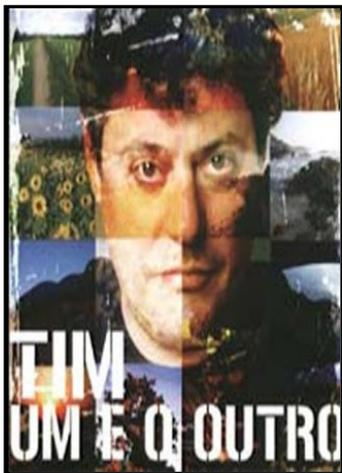
Rosa branca

De rosa ao peito na roda / Eu bailei com quem calhou / Tantas voltas
dei bailando / Que a rosa se desfolhou / Quem tem, quem tem amor a
seu jeito / Colha a rosa branca, ponha a rosa ao peito / Ó roseira, rosei-
rinha / Roseira do meu jardim / Se de rosas gostas tanto / Porque não
gostas de mim / Colha a rosa branca, ponha a rosa ao peito / Colha a
rosa branca, ponha a rosa ao peito

Cota: 8 MAR

N.º de registo: 610 S

Mariza (2008). Rosa branca. In Terra [CD]. Lisboa: EMI Music.



Epitáfio

Devia ter amado mais, / ter chorado mais, / ter visto o Sol nascer... /
Devia ter arriscado mais, / e até errado mais, / ter feito o que eu que-
ria fazer... / Queria ter aceite / as pessoas tal como elas são. / Cada um
sabe a alegria / e a dor que traz no coração. / Devia ter complicado
menos, / trabalhado menos, / ter visto o pôr do sol... / Devia ter me
importado menos, / com problemas pequenos...

Cota: 8 TIM

N.º de registo: 696 S

TIM (2003). Epitáfio. In Um e o outro [CD]. Lisboa: AudioPro.

Até amanhã, camaradas

Filme



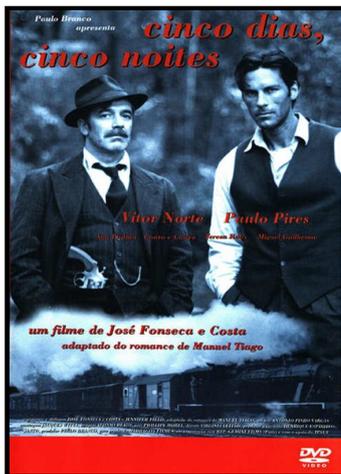
Portugal, 1944. Um país oprimido por uma ditadura retrógrada, mas há quem continue a resistir, não vergando perante a repressão brutal de uma polícia política implacável (a PVDE), e especialmente feroz na perseguição aos militantes e funcionários do Partido Comunista. Trabalhando clandestinamente, percorrendo dezenas e dezenas de quilómetros, de bicicleta, de comboio ou a pé, para estabelecer novas ligações e reforçar as antigas, dar e colher informações, organizar a distribuição...

Cota: 791.224 LEI
N.º de registo: 355 I

Leitão, Joaquim (2002). Até amanhã camaradas [Filme]. Lisboa: MGM Filmes.

Cinco dias, cinco noites

Filme



Portugal, finais dos anos 40. André, 19 anos, vê-se forçado a abandonar o país depois de fugir da prisão. No Porto, uns amigos arranjam-lhe pasaporte (Lambança), contrabandista dado ao vinho e brigo, que conhece bem a fronteira de Trás-os-Montes. A sua antipatia e desconfiança mútua nascem logo no primeiro encontro. Mas, ao longo de cinco dias e cinco noites, atravessando montes e vales, escondendo-se da guarda e da polícia política, e com a ajuda de muitos conhecidos...

Cota: 791.221.5 COS
N.º de registo: 219 I

Costa, José Fonseca e (2003). *Cinco dias, cinco noites* [Filme]. Lisboa: Madragoa Filmes.

O pátio das cantigas

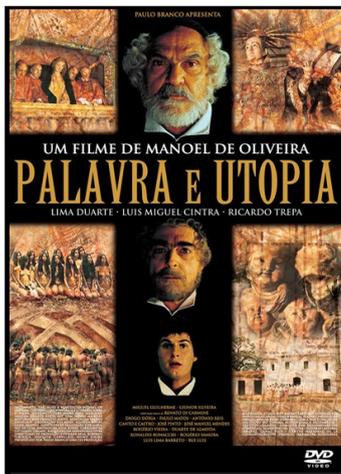
Filme



"Bom dia menina Rosa!" é como começa a história, n' "O Pátio das Cantigas", onde mora a linda balconista Rosa e os seus dois pretendentes: Narciso, um guia turístico poliglota que trabalha noite e dia... e o Evaristo, dono da mercearia gourmet, pessoa de génio agreste e pai da menina Celeste, aspirante a artista de telenovela. Já não tarda o Santo António e eis o caso nunca visto das tentações do demónio do pátio do Evaristo.

Cota: 791.221.2 VIE
N.º de registo: 537 I

Vieira, Leonel (2015). O pátio das cantigas [Filme]. Lisboa: Nós Lusomundo Audiovisuais.



Em 1663, o Padre António Vieira é chamado a Coimbra para comparecer diante do Tribunal do Santo Ofício, a terrível inquisição. As intrigas da corte e uma desgraça passageira enfraqueceram a sua posição de célebre pregador jesuíta e amigo íntimo do falecido D. João IV. Perante os juízes, o Padre António Vieira revê o seu passado: a juventude no Brasil e os anos de noviciado na Bahia, a sua ligação à causa dos índios e os seus primeiros sucessos no púlpito. Impedido de falar pela inquisição, o...

Cota: 791.227 OLI
N.º de registo: 502 I

Oliveira, Manoel de (2003). Palavra e utopia [Filme]. Lisboa: Lusomundo.

Quem és tu?

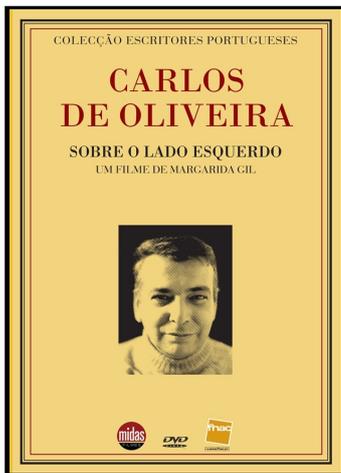
Filme



Maria de Noronha, aos 13 anos, filha da Madalena de Vilhena e de Manuel Sousa Coutinho, é uma rapariga demasiado branca e frágil, doente de febres altas e de violentas hemoptise provocadas por uma tuberculose impiedosa. Para aliviar a dor, colhe papoilas do seu jardim, transporta-as sempre nos braços e, noite deposita-as nas almofadas da sua cama. Mas as papoilas tem um efeito devastador. O seu profundo sono é rompido por terríveis fantasmas e alucinações: o luxo e a decadência...

Cota: 791.221.5 BOT
N.º de registo: 205 I

Botelho, João (2003). Quem és tu? [Filme]. Lisboa: Lusomundo.



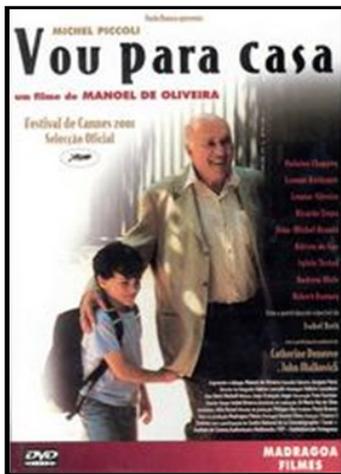
Sobre o Lado Esquerdo é o título de um poema e de um livro onde a mutação da arte de Carlos de Oliveira se dá a ler de forma particularmente intensa. É agora também o título de um filme de Margarida Gil. O filme não procura ser uma ilustração da obra do escritor, mas inventa imagens que possam suportar, acolher e dar a ver a força das imagens do escritor. Organizando-se em cinco sequências, nem cronológicas, nem estritamente temáticas, o filme toma o romance...

Cota: 791.221.2 GIL
N.º de registo: 403 I

Gil, Margarida (2008). Sobre o lado esquerdo [Filme]. Lisboa: Midas Filmes.

Vou para casa

Filme



Gilbert Valence é um ator de teatro, e o seu talento e a sua carreira deram-lhe os papéis mais importantes que um ator pode desejar. Uma noite, no fim de uma representação, a tragédia irrompe na sua vida; o seu agente e velho amigo, Georges, diz-lhe que a sua mulher, a filha e o genro acabaram de falecer num acidente de aviação. O tempo passa, a vida volta à normalidade. Gilbert Valence partilha agora o seu tempo entre o seu neto, que adora, e o teatro. Algum tempo mais tarde, o seu agente...

Cota: 791.221.4 OLI
N.º de registo: 173 I

Oliveira, Manoel de (2003). Vou para casa [Filme]. Lisboa: Madragoa Filmes.

Missão

Enquanto estrutura pedagógica, o Serviço das Bibliotecas Escolares do AELdF tem por missão apoiar o processo de ensino e aprendizagem, promover a leitura, a literacia da informação e o gosto pela frequência de bibliotecas ao longo da vida, a fim de contribuir para a formação de cidadãos informados, críticos, responsáveis, utilizadores efetivos da informação e com capacidade de aprendizagem autónoma.

Visão

Integrado na RBE, o Serviço das Bibliotecas Escolares do AELdF pretende continuar a ser uma referência neste programa. Aberto às orientações nacionais e internacionais e à colaboração em rede, desenvolve o seu trabalho numa busca contínua da excelência dos serviços e da coleção, acessíveis equitativa e livremente, potenciando os valores e demais orientações estratégicas expressas no Projeto Educativo do Agrupamento.



Bem-Vindo

Início
Bibliotecas
Rede Concelhia
Catálogo Coletivo

Catálogos

Catálogo Coletivo

- Início

Selecione o tipo de p

